

Da carta pessoal à conversa privada mediada pelo *WhatsApp*

Stênio Bouça Alves Filho*
Valéria Severina Gomes**

Resumo: Este artigo discute os processos de mudança e de permanência, pelos quais, passou a conversa privada mediada pelo *WhatsApp*. A partir do Modelo de Tradição Discursiva (KOCH, 1997; KABATEK, 2006) e da Teoria dos Gêneros, na perspectiva de Marcuschi (2004; 2008; 2010a; 2010b), foram identificados traços tradicionais herdados da carta pessoal na conversa privada mediada pelo *WhatsApp*. Além da discussão da historicidade, este trabalho traz uma proposta didática tendo em vista o ensino de Língua Portuguesa. A didatização, com base no Interacionismo Sociodiscursivo (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), ficou a cargo de uma sequência didática, partindo do gênero como acontecimento sócio-histórico e interacional.

Palavras-chave: Historicidade. Tradição discursiva. gênero. Ensino.

Abstract: This article aims to discuss the processes of change and permanence that the private conversation mediated by WhatsApp has gone through. Based on the Discursive Tradition Model (KOCH, 1997; KABATEK, 2006) and the Theory of Genres, from the perspective of Marcuschi (2004; 2008; 2010a; 2010b), the traditional traits inherited from the personal letter in the private conversation mediated by the Whatsapp. In addition to the discussion of historicity, this work presents a didactic proposal with a view to teaching Portuguese. Didatization, based on Sociodiscursive Interactionism (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), was in charge of a didactic sequence, starting from the genre as a socio-historical and interactional event.

Keywords: Historicity. Discursive tradition. Genre. Teaching.

Resumen: Este artículo aborda los procesos de cambio y permanencia por los que ha pasado la conversación privada mediada por *WhatsApp*. Desde el Modelo de Tradición Discursiva (KOCH, 1997; KABATEK, 2006) y la Teoría de los Géneros, desde la perspectiva de Marcuschi (2004; 2008; 2010a; 2010b), se identificaron rasgos tradicionales heredados de la carta personal en la conversación privada mediada por *WhatsApp*. Además de la discusión sobre la historicidad, este trabajo trae una propuesta didáctica con vistas a la enseñanza del portugués. La didatización, basada en el Interaccionismo Sociodiscursivo (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), estuvo a cargo de una secuencia didáctica, partiendo del género como acontecimiento sociohistórico e interaccional.

* Mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). <https://orcid.org/0000-0003-0859-2576> /E-mail: alvesfilho.sb@gmail.com

** Professora do Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). <https://orcid.org/0000-0002-4331-7775> /E-mail: valeria.sgomes@ufrpe.br



Palabras clave: Historicidad. Tradición discursiva. género. Enseñando.

1 Introdução

Dizer que os gêneros são históricos equivale a admitir que eles surgem em determinados momentos na História da Humanidade.

Luiz Antônio Marcuschi (2004, p. 15)

Tendo em vista que a língua(gem) passa por uma grande transformação nas “modalidades de produção, transmissão e recepção do escrito.” (CHARTIER, 1994, p. 185) ao longo do tempo e, principalmente, na atualidade, em razão do avanço tecnológico e com os novos modos de interação diante dos gêneros do ambiente digital, este artigo visa analisar o gênero emergente, conversa privada, mediada pelo *WhatsApp*, na busca por sua historicidade, ou seja, por traços constitutivos que remetam a gêneros prévios, uma vez que nenhum gênero surge do nada. Nesse sentido, as reflexões contidas aqui giram em torno da formação e da organização estrutural dessa conversa privada, bem como do seu caráter interacionista, e que repercute no ensino, a partir de discussões sobre a natureza sócio-histórica dos gêneros e da língua na sala de aula.

A busca pela historicidade da conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, está apoiada no modelo de Tradição Discursiva (TD) (KOCH, 1997; KABATEK, 2005; 2006; LONGHIN, 2014) e na Teoria de Gêneros, na perspectiva de Marcuschi (2004; 2008; 2010a; 2010b). Neste estudo, com o intuito de observar os traços possivelmente herdados do gênero carta pessoal e absorvidos pelo gênero conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, leva-se em consideração, conforme Marcuschi (2010b, p. 21), que:

esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações *ad ovo*, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes. O fato já fora notado por Bakhtin [1997] que falava na ‘transmutação’ dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro gerando novos. (MARCUSCHI, 2010b, p. 21).

Assim, é possível aplicar o conceito de transmutação, na análise de um gênero, em sincronia presente do ambiente digital, a fim de observar os seus traços característicos e funcionais, considerando o processo de inovação. Com base no Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004; BRONCKART, 2012; ZAVAM; PARAYBA; DOLZ; GOMES, 2021), neste artigo, busca-se também apresentar

uma proposta de didatização de possíveis dimensões ensináveis do gênero em questão, considerando a sua historicidade.

O Modelo de Tradição Discursiva (TD) nasce a partir dos estudos românicos e caracteriza-se pela historicidade e tradicionalidade dos elementos constitutivos do texto. A noção de historicidade dos gêneros aqui adotada, parte dos preceitos de Eugenio Coseriu (1979a; 1979b), com a sua proposta de uma linguagem integral, mais tarde enfatizada, no contexto da filologia alemã, com grande contribuição na busca pela reconstrução histórica dos textos (SCHLIEBEN-LANGE, 1993; KOCH, 1997).

Logo, o conceito de historicidade aqui adotado “diz respeito ao acervo de textos já ditos e já escritos, armazenados na memória da comunidade, na forma de modelos linguísticos” (LONGHIN, 2014, p. 19). A tradicionalidade, por sua vez, está relacionada à repetição completa ou parcial (a tradição de um determinado gênero textual, de uma fórmula textual ou até mesmo de um aspecto linguístico que compõe o modo de dizer recorrente em um texto) a partir de uma dada situação comunicativa. Portanto, esses aspectos linguístico-textuais são evocados mediante à situação comunicativa, como, por exemplo, as fórmulas “até logo” ou “tchau”, que são evocadas em uma situação de despedida (KABATEK, 2006). Trata-se de um modelo que é bastante proveitoso também para as pesquisas sobre mudança e variação linguística, considerando a historicidade dos gêneros¹.

A Tradição Discursiva está situada no nível histórico dos textos e auxilia no reconhecimento das condições de produção, na distinção da natureza de cada gênero, no entendimento das escolhas linguísticas e na identificação dos traços de tradição, inovação e atualização ao longo da história (KABATEK, 2005), seja por um viés diacrônico, em sincronias passadas ou em sincronia de tempo presente, sendo este último, o caso da conversa privada mediada pelo *WhatsApp*.

No tocante à concepção da dinâmica sócio-histórica dos gêneros, é possível estabelecer a articulação entre o modelo de TD e a Teoria dos Gêneros, uma vez que são

¹ Sobre o modelo de Tradição Discursiva, foi publicado o volume 7 da coletânea do Projeto Para a História do Português Brasileiro: Andrade, M. L. C. V. O.; Gomes, V. S.; Castilho, Ataliba T. de (Org.). *Tradições discursivas do Português Brasileiro: constituição e mudança dos gêneros discursivos*. História do Português Brasileiro, vol. 7, São Paulo: Contexto, 2018.

perspectivas que, em suas especificidades, abordam o entendimento dos gêneros e da sua funcionalidade na vida cotidiana, tendo em vista que são, como bem aponta Paiva (2004, p. 76):

sistemas discursivos complexos, socialmente construídos pela linguagem, com padrões de organização facilmente identificáveis, dentro de um *continuum* de oralidade e escrita, e configurados pelo contexto sócio-histórico que engendra as atividades comunicativas. (PAIVA, 2004, p. 76).

Marcuschi (2004; 2008; 2010b), ao fazer referência a Bakhtin (1997), apresenta reflexões consistentes para o entendimento da historicidade dos gêneros e suas condições de produção. Apesar de Marcuschi desenvolver suas reflexões teóricas adotando a terminologia gêneros textuais, e a vertente bakhtiniana apontar para uma condução teórico-metodológica voltada para os gêneros discursivos, é possível identificar pontos de interação no tocante ao fato de que ambos, cada um em seu tempo e em sua perspectiva, partem da ideia de que a comunicação verbal só é possível por gêneros, “essa visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva” (MARCUSCHI, 2010b, p. 23). Os gêneros textuais, por sua vez, “apresentam padrões sociocomunicativos, objetivos enunciativos e são realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas” (MARCUSCHI, 2008, p. 155). Há convergência entre os dois quanto à ideia de que os gêneros são fenômenos históricos, são práticas sócio-históricas, e são relativamente estáveis.

Marcuschi sempre dialogou com a obra atribuída a Bakhtin e defendia a eliminação de disputas teóricas sobre a distinção entre texto e discurso (BEZERRA, 2017). A ênfase em uma perspectiva ou em outra é aplicada para identificar algum fenômeno específico e indicar fronteiras teóricas, mas não há como negar a concepção integral entre texto, gênero e discurso. Segundo Bezerra (2017, p. 25), “a exacerbação da distinção de abordagens resulta numa dicotomia potencialmente prejudicial, tanto teórica quanto metodologicamente.”.

As reflexões acerca da historicidade da conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, também são instigantes do ponto de vista da didatização. Para isso, torna-se pertinente o diálogo com o Interacionismo Sociodiscursivo. A interface com o ISD parte da ideia de levar para a educação básica uma proposta de ensino, por intermédio de uma sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004), a fim de que a abordagem adotada

promova a competência dos alunos sobre os usos da língua, por meio de gêneros, em diferentes contextos de interação, desenvolvendo o caráter reflexivo sobre os processos de transformação e atualização de recursos textuais, linguísticos e multissemióticos e sobre o agir por meio da língua(gem) e dos gêneros. O Interacionismo Sociodiscursivo é, pois, um quadro epistemológico de análise que concebe o texto como ação de linguagem situada socialmente, e como produto da atividade humana. Para Bronckart (2012, p. 72), “no curso da história, no quadro de cada comunidade verbal, foram elaborados diferentes ‘modos de fazer’ textos, ou diferentes espécies de texto”.

Em meio às pesquisas que se encontram ancoradas na historicidade do texto e da língua, e que se voltam ao ensino, destaca-se o trabalho organizado por Soares e Gomes (2012), que, ao organizarem uma cartilha voltada para professores da educação básica, trabalham a performance dos manuscritos e impressos dos séculos XIX e XX² com uma interface entre os Estudos da Língua(gem) e a História, com o objetivo de refletir sobre a forma, a função e o sentido dos textos em meio ao contexto político, histórico, social e econômico em que foram produzidos. Mais recentemente, o dossiê intitulado “Historicidade e ensino: reflexões sobre os gêneros em diferentes línguas”, publicado na Revista Eutomia v. 1, n. 29, 2021, trouxe a público pesquisas com propostas de didatização da historicidade da língua e dos gêneros, estabelecendo a interface entre TD e ISD.

Nesse processo dinâmico da língua e dos gêneros, entra em cena o conceito de transmutação (BAKHTIN, 1997). Zavam (2012, p. 257) realiza uma discussão conceitual acerca desse termo bakhtiniano e afirma que o processo de transmutação corresponde à “transformação por que passa um gênero (seja primário ou secundário), tanto na absorção de um gênero por outro (quer da mesma esfera ou de diferentes esferas), quanto na adaptação a novas contingências.”. A partir de diversos gêneros, Zavam (2012) sugere a ampliação do conceito de transmutação, que poderia ocorrer em duas modalidades distintas:

² Os textos trabalhados na cartilha contam com cartas administrativas, cartas particulares, cartas de leitores, editoriais e anúncios.

- i. Transmutação criadora: trata-se da criação de um novo gênero a partir de outro(s) já existente(s), que seria o caso da conversa privada mediada pelo *WhatsApp*;
- ii. Transmutação inovadora: refere-se à transmutação resultante do processo de atualização e inovação pela qual o gênero passa.

Portanto, o processo de transmutação refere-se à capacidade e à dinamicidade da criação ou adequação dos gêneros mediante a sua função e finalidade sociocomunicativa, a fim de corresponder às novas demandas sociais e de interação.

Já Araújo (2004) aplica a abordagem bakhtiniana em estudos sobre as marcas de transmutação do diálogo cotidiano para a conversa na *web*³. Em sua pesquisa, o autor observa elementos característicos do diálogo cotidiano na esfera eletrônica ocorrida no *chat*, além dos elementos inovadores, como: os *emoticons*, a presença de elementos intersemióticos (escrita/imagem/som) e dos *hiperlinks*. Com a sua pesquisa, Araújo (2004, p. 108) defende que ocorre uma reinterpretação no *chat*, “a fim de simular gestos, sons e atitudes semelhantes à interação face a face”. De forma análoga, esses elementos também são utilizados nas conversas privadas mediadas pelo *WhatsApp*.

Dessa forma, quatro questões principais guiam este estudo: (i) poderia a carta pessoal ter as suas marcas transmutadas para a criação de gêneros do ambiente digital?; ou ainda, (ii) o gênero conversa privada mediada pelo *WhatsApp* pode estar ancorado em traços pertencentes da carta pessoal?; (iii) a transmutação pode ocorrer em gêneros de esferas e ambientes distintos?; e, por fim, (iv) quais dimensões poderiam ser didatizadas com base na historicidade desse gênero?

Para a realização das discussões propostas, o presente artigo está organizado em 4 (quatro) seções principais, a começar por esta introdução. Na seção dois, aborda-se o processo de transmutação da carta pessoal para a conversa privada mediada pelo *WhatsApp*. Na seção três, discute-se a relação fala-escrita e proximidade-distância comunicativa, desde a visão dicotômica, seguida por uma visão de *continuum*, até a

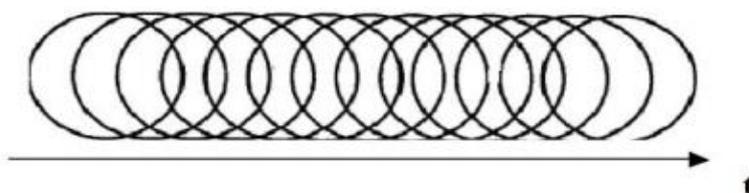
³ *World Wide Web*, ou apenas *Web*, também conhecida por *WWW*, é uma rede usada para conectar e proporcionar o acesso à internet (ARAÚJO, 2004).

relação de imbricamento. Na seção quatro, apresenta-se uma proposição didática a partir da historicidade da conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, de modo a suscitar ideias que possam ser mais bem desenvolvidas em planejamentos elaborados para a sala de aula. Posteriormente são apontadas as considerações finais, além das referências.

2 Gênero conversa privada mediada pelo *WhatsApp*: historicidade, tradição, inovação e atualização

O conceito de transmutação remete à formação, à organização e à dinamicidade dos gêneros. Neste trabalho, toma-se a conversa privada mediada pelo *WhatsApp* como resultado da transmutação da carta pessoal, no tocante à comunicação digital. Tal ramificação pode ser exemplificada no esquema de anéis, a seguir, que retrata justamente o processo a que o gênero está sujeito: o de instabilidade, movência e atualização. Assim, ao longo do tempo, o texto pode perder algumas de suas marcas, mas também permanecer com outras e ainda incorporar novas.

Esquema 1: Continuidade histórica do gênero



Fonte: Givón (1986 apud KOCH, 1997, p. 9).

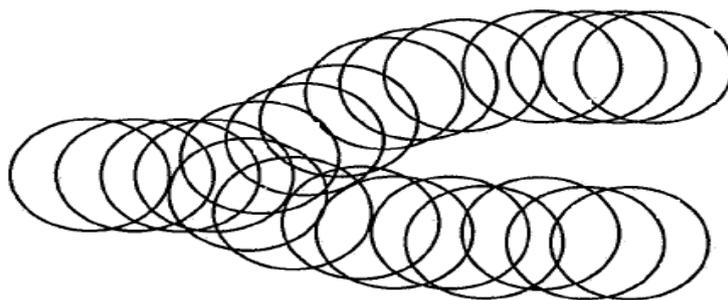
Constata-se, assim, que os gêneros são mutáveis e estão sujeitos a essas mudanças a partir de certas demandas e mudanças sociais, ao passo que também permanecem com marcas que o caracterizam diante de uma tradição cultural, tal como é o caso do gênero carta pessoal e de seus traços constitutivos:

- i. o *local* e a *data* de onde e de quando se escreve;

- ii. a *saudação*, apresentada como forma de cumprimento ao interlocutor da correspondência;
- iii. a *captação de benevolência*, que funciona como um contato inicial do escrevente, capturando a boa vontade do seu interlocutor;
- iv. o *corpo da carta*, também conhecido como núcleo, apontado como parte principal da missiva, pois há mais autonomia por parte do remetente;
- v. a *seção de despedida*, como a nomenclatura já diz, é o desfecho da carta;
- vi. e a *assinatura* do escrevente, atestando a veracidade do que foi dito no manuscrito.

No entendimento de que os gêneros “não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa” (MARCUSCHI, 2010b, p. 19), pois “caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (MARCUSCHI, 2010b, p. 19) e que “surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas” (MARCUSCHI, 2010b, p. 19), a carta, como afirma Pessoa (2002), está na origem de diversos gêneros, como ocorreu no âmbito comunicativo das esferas jornalística, administrativa, jurídica *etc.* A carta pessoal, durante muito tempo, foi a forma de contato entre amigos, familiares e amantes que estavam em locais distantes. A dinâmica tecnológica possibilitou a emergência de novos gêneros e provocou a redução drástica na circulação de correspondências pessoais. Para exercer essa função, emergiram inúmeros gêneros do ambiente digital, a exemplo da conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, analisada neste estudo. Esse processo pode ser visto a partir de outro esquema de anéis, representado no esquema 2:

Esquema 2: Diferenciação de tradições culturais



Fonte: Koch (1997, p. 15).

Koch (1997) exemplifica esse esquema com os panfletos italianos da primeira metade do século XVI, dos quais surgem os gêneros jornalísticos, uma filiação que levará até a notícia de jornal. Zavam ressalta que:

de acordo com as transformações por que passam as sociedades, os gêneros desaparecem, migram para dentro de outros, intercalam-se, transformam-se, num contínuo processo de evolução, tanto dentro da esfera em que foram gerados como daquela que os adotou. (ZAVAM, 2012, p. 252-253).

Com isso, é possível perceber que o processo de transmutação pode ocorrer não apenas na mesma esfera comunicativa, mas também em esferas distintas, ou ainda em ambientes distintos – quer seja digital ou não⁴. Desse modo, é bem provável que, no processo de transmutação da carta pessoal à conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, os traços característicos de comunicações privadas prévias foram migrando da carta pessoal para o *e-mail*, e chegaram ao *WhatsApp* com alguns elementos constitutivos descartados e outros acrescentados.

Os dois gêneros, vistos com traços de familiaridade neste estudo, convergem por serem da esfera de conversas do cotidiano, no âmbito da interação à distância, situados no campo da privacidade comunicativa, com temáticas relativamente livres, com o uso de uma linguagem informal entre os interactantes e com alto grau de proximidade comunicativa. É verdade que também divergem em termos de extensão do corpo do

⁴ A conversa pelo *WhatsApp* e a carta pessoal compõem a mesma esfera comunicativa (conversa do cotidiano), mas são de ambientes distintos, respectivamente do ambiente digital e não-digital.

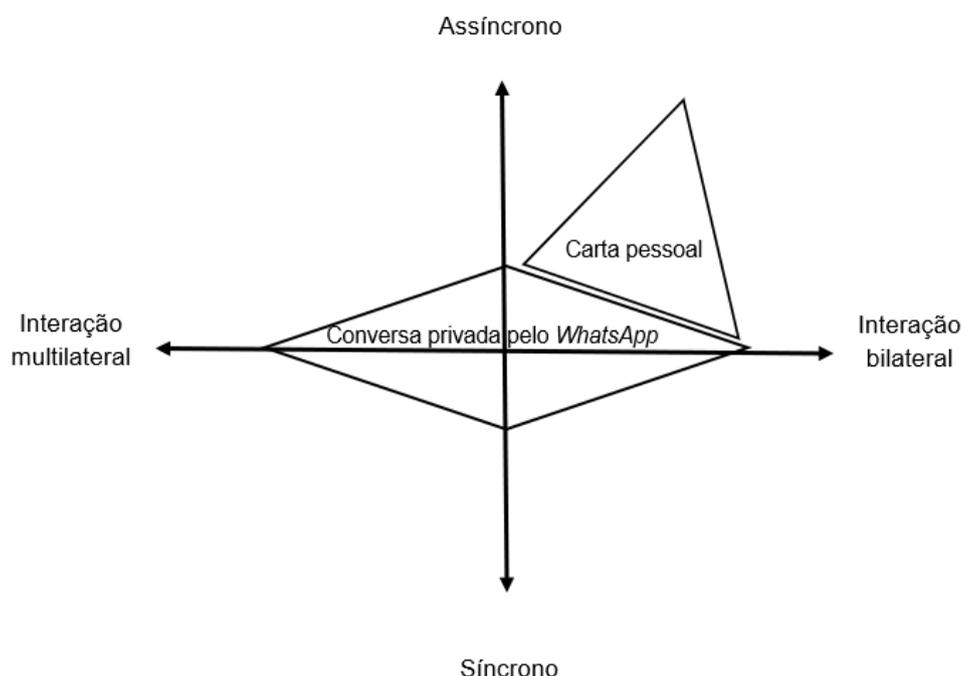
texto e dos recursos multissemióticos empregados, mas as mudanças também fazem parte do processo de ramificação dos gêneros.

No que diz respeito ao campo da interação, Marcuschi (2004) apresenta dois eixos que caracterizam os gêneros textuais: tempo e participante, fazendo com que os gêneros sejam descritos em um *continuum* contrapostos: eixo (a) e eixo (b).

- No eixo (a), em um *continuum* vertical, estão os gêneros de comunicação síncrona (comunicação em tempo real) e os gêneros de comunicação assíncrona (comunicação defasada no tempo).
- No eixo (b), em um *continuum* horizontal, estão os gêneros de comunicação multilateral (de um para muitos, de muitos para um, ou de muitos para muitos) e a comunicação bilateral (de um para um).

Ao transpor os parâmetros comunicativos para retratar os gêneros carta pessoal e conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, o esquema 3 demonstra que a carta pessoal é um gênero que se encontra no eixo de comunicação assíncrona (defasada no tempo) e de interação bilateral⁵. Já o gênero conversa privada mediada pelo *WhatsApp* está situado tanto no eixo da comunicação assíncrona (*off-line*), quanto síncrona (*on-line*), e no eixo multilateral (de um indivíduo para mais de um indivíduo simultaneamente, como em grupos da família, do trabalho, de amigos *etc.*) e bilateral (de um indivíduo para um outro indivíduo).

⁵ Por mais que o gênero carta pessoal possa noticiar ou levar informações para mais de uma pessoa, ser lida coletivamente, será aqui considerado como uma comunicação bilateral, pois, devido à natureza do próprio gênero, a carta pessoal é enviada pelo remetente para apenas um único destinatário.

Esquema 3: *Continuum tempo e participante*

Fonte: Adaptado de Yates (2000 *apud* MARCUSCHI, 2004, p. 36-37).

A caracterização sob os eixos comunicativos de participante e de tempo permite identificar um caráter inovador dos gêneros emergentes do ambiente digital, como ocorre com a conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, pois atinge um maior número de participantes na conversa (multilateral), mas, ao mesmo tempo, preserva a opção de contato privado (bilateral), além de alcançar tanto uma comunicação escrita síncrona (*on-line*)⁶, quanto assíncrona (*off-line*), expandindo ainda mais as possibilidades de interação entre os indivíduos.

A troca de turnos, na carta pessoal, como afirma Silva (2002), ocorre durante o processo de envio e recebimento de cartas, ou seja, se estabelece no espaço entre a ida e vinda de correspondências. Enquanto no ambiente digital, como na conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, Marcuschi (2004, p. 39) afirma que “em certas circunstâncias pode apresentar uma defasagem mínima de tempo entre uma remessa e a resposta,

⁶ É preciso apontar que a comunicação síncrona (*on-line*) escrita desencadeia uma nova perspectiva na relação fala e escrita nos gêneros de ambiente digital. Essa nova concepção é abordada ainda neste artigo, no tópico 3.

dando a nítida sensação de turnos em andamento, quando ambos estão em conexão *online*.". Hilgert (2021) explica ainda que, no ambiente digital, os interlocutores não acompanham a construção dos turnos como em uma conversa face a face, mas que, de certo modo, há a tentativa de transpor esses traços de sincronicidade.

Na busca pelo entendimento dessa nova forma de interação, o aplicativo *WhatsApp* é o suporte do gênero conversa privada mediada pelo *WhatsApp* e o *smartphone* o canal comunicativo. Em seguida, no Esquema 4, é retratada a ambientalização em que ocorre a conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, descrevendo os elementos que constituem esse ambiente:

Esquema 4: Ambientalização da conversa privada mediada pelo *WhatsApp*



Fonte: Os autores (2022).

A partir da ambientalização em que acontece a conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, é possível perceber que a evolução tecnológica acarretou novas formas de comunicação e de interação à distância, como a inclusão, por exemplo, de textos

imagéticos, da reprodução de áudios e vídeos, da realização de chamadas de voz e de vídeo, do envio e recebimento de arquivos, fotos e a tradicional redação escrita. Esses recursos, e outros, são disponibilizados pelo próprio aplicativo e são abordados com mais detalhes a seguir, privilegiando, não apenas a natureza da estrutura organizacional do gênero, mas também os aspectos funcionais e sócio-interacionais, como aponta Marcuschi (2004):

a) *Chamada de voz e de vídeo*: com o uso da *internet*, o aplicativo *WhatsApp* permite a realização de chamadas de voz ou chamadas de vídeo. A utilização desse recurso dá continuidade às chamadas telefônicas realizadas, anteriormente, exclusivamente por áudio. Nesse processo de transmutação, houve o acréscimo da imagem.

b) *Usuário e senha*: para realizar a interação com o interlocutor, por meio do *WhatsApp*, basta apenas acessar o número de telefone, enquanto a carta necessita do endereço postal do destinatário. A não necessidade de preencher dados, como usuário e senha para utilizar o aplicativo, também é um elemento inovador, não apenas comparado com a carta pessoal, mas com outros gêneros do ambiente virtual, pois, para outros gêneros da esfera digital, há uma exigência do *login*⁷ para que o usuário obtenha o acesso ao aplicativo ou ao *site*.

c) *Conversa em grupo*: este elemento inovador permite que os usuários formem grupos – semelhante a uma sala de bate papo das redes sociais – permitindo-lhes adicionar outros usuários para a composição de grupos da família, do trabalho, de amigos etc. Nesses casos, a conversa pode ter um caráter público e profissional ou um caráter privado e particular. Como são contextos diferentes de enunciação, neste trabalho, o foco foi a conversa privada.

d) *Diversidade de semioses*: o envio e o recebimento de fotos, vídeos, documentos em vários formatos, músicas, mensagens de texto e de voz são alguns dos elementos que alimentam a comunicação entre os interlocutores em uma conversa privada mediada pelo *WhatsApp*. Para Marcuschi (2004), a diversidade de semioses é o

⁷ Método de acesso a sistemas reservados que exigem identificação do usuário já cadastrado.

que faz com que os gêneros do ambiente digital, associados à imediatez na veiculação da mensagem e na flexibilização linguística, se propaguem e se tornem cada vez mais usados nas práticas sociocomunicativas. É importante registrar que, apesar das inovações tecnológicas do aplicativo, as cartas pessoais também veiculavam mensagens multissemióticas como desenhos, fotos, rosas, fragrâncias etc.

e) *Sistema off-line*: com este recurso, é possível que o usuário obtenha acesso aos arquivos que ele já realizou o *download*⁸ e às conversas enviadas e recebidas anteriormente, enquanto estava *on-line*.

Além dos pontos de inovação, são perceptíveis também os traços de permanência, que foram absorvidos da carta pessoal para a construção da conversa privada mediada pelo *WhatsApp*⁹. São eles:

a) *Data e horário*: a data é um dos elementos contextualizadores que compõem a macroestrutura do *WhatsApp*, disponibilizada pelo próprio aplicativo, assim como a hora em que a mensagem foi enviada. Na carta pessoal, normalmente o local e a data iniciam o texto e, algumas vezes, os escreventes incluem o horário em que estão escrevendo, a fim de trazer mais informações sobre as circunstâncias em que o texto estava sendo produzido.

Exemplo 1: Data e horário



Fonte: Os autores (2022).

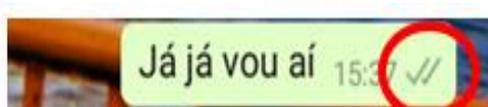
⁸ Forma de fazer o carregamento de um determinado arquivo do servidor da internet.

⁹ Para a análise, algumas informações pessoais foram omitidas, a fim de preservar a integridade dos interactantes.

b) *Confirmação de recebimento*: um dos traços tradicionais da carta pessoal é acusar o recebimento da correspondência anterior, pois é apenas dessa forma, alegando o recebimento, que o escrevente saberá se o seu interlocutor recebeu ou não a missiva enviada. Já na interação pela conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, esse é um traço que se mantém com o adendo da modernização. O usuário fica ciente do recebimento da mensagem mediante um recurso do próprio aplicativo, quando há dois riscos (exemplo 2). Trata-se de um recurso semiótico que substitui a informação verbal.

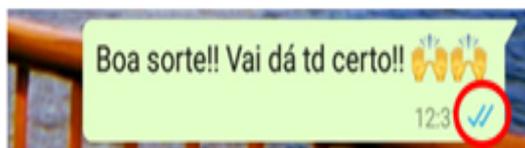
Vale ressaltar que há a possibilidade de o usuário, dependendo das configurações de privacidade do aplicativo, omitir ou não a visualização da mensagem enviada, podendo ser indicada pela cor azul (exemplo 3).

Exemplo 2: Confirmação de recebimento



Fonte: Os autores (2022).

Exemplo 3: Confirmação de recebimento



Fonte: Os autores (2022).

c) *Saudação*: na conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, assim como em outros gêneros do ambiente digital, as fórmulas de saudação são mais diretas e mais espontâneas, com a presença do vocativo, de interjeições e breves cumprimentos (exemplo 4 e 5). São estratégias de verbalização próprias da natureza dessa comunicação mais curta e célere.

Exemplo 4: Saudação



Fonte: Os autores (2022).

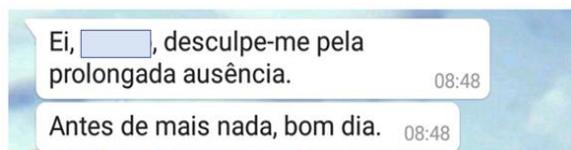
Exemplo 5: Saudação



Fonte: Os autores (2022).

d) *Captação de benevolência*: elemento muito comum na carta pessoal, a captação de benevolência não é um traço composicional muito presente no ambiente digital, principalmente na conversa privada mediada pelo *WhatsApp*. A captação de benevolência, cuja função é capturar a boa vontade do interlocutor, perdeu, de certo modo, espaço no ambiente digital devido à imediatez comunicativa, tornando-se disfuncional neste contexto comunicativo. Em casos pontuais, como no exemplo 6, a captação de benevolência pode ser um recurso que o interactante usa como forma de proteger a sua face diante de uma prolongada ausência. Muitas vezes em forma de justificativa por um atraso em responder certas mensagens.

Exemplo 6: Captação de benevolência



Fonte: Os autores (2022).

e) *Seção de despedida*: com forte presença de elementos multimodais, como os *stickers* (ou figurinhas) e os *emoticons*¹⁰, são reveladas novas formas de dizer dentro dessa cadeia discursiva que é a interação pela conversa privada mediada pelo *WhatsApp*

¹⁰ Recurso imagético usado pelos interlocutores com a finalidade de representar reações e sentimentos.

(exemplo 7 e 8). O uso desses elementos vai ao encontro da economia da escrita verbal e, por vezes, complementa o já dito, revelando a expressão do escrevente e de seus sentimentos. A atualização na seção de despedida reflete as novas formas de dizer e de entender o texto, criando efeitos de escrita-imagética, de leitura e, conseqüentemente, de sentido na finalização da interação, ou seja, criam-se novos significados devido à implementação de novos recursos que se intercalam: o verbal e o não verbal.

Exemplo 7: Seção de despedida



Fonte: Os autores (2022).

Exemplo 8: Seção de despedida



Fonte: Os autores (2022).

Portanto, o que se propõe neste artigo é apontar um possível caminho que estabeleça a conexão entre a carta pessoal e a criação do gênero conversa privada mediada pelo *WhatsApp*. Parte-se da ideia de transmutação como forma de absorção de um gênero anterior (carta pessoal), cujos traços migraram para o gênero *e-mail*, no ambiente digital, por exemplo, e daí para a criação de um novo gênero (conversa privada pelo *WhatsApp*). Com isso, observa-se, neste movimento de transmutação de um gênero, que, na realidade, há “uma combinação nova de elementos procedentes de diferentes tradições” (KABATEK, 2006, p. 515) e a inclusão de outros.

3 A relação fala-escrita no gênero conversa privada mediada pelo *WhatsApp*

O caso da conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, entre outros gêneros do ambiente digital, evidencia uma nova concepção sobre a relação fala-escrita, pois, “embora escritos, esse modo de comunicação é manipulado por seus usuários como uma forma de quase oralidade”, como aponta Coulmas (2014, p. 164). A relação fala-escrita tem levantado discussões sob diferentes olhares, primeiramente, atravessada por uma visão dicotômica, como consta no Quadro 1, a fala era considerada desordenada, caótica e menos elaborada, enquanto a escrita era tida como uma modalidade de maior complexidade e elaboração. Essa classificação, como aponta Marcuschi (2010a, p. 28), é “fundada na natureza das condições empíricas de uso da língua [...] e não de características dos textos produzidos”, ou seja, a visão dicotômica desconsiderou, durante um tempo, os diferentes usos da língua em seus diferentes contextos de produção.

Quadro 1: Dicotomias estritas

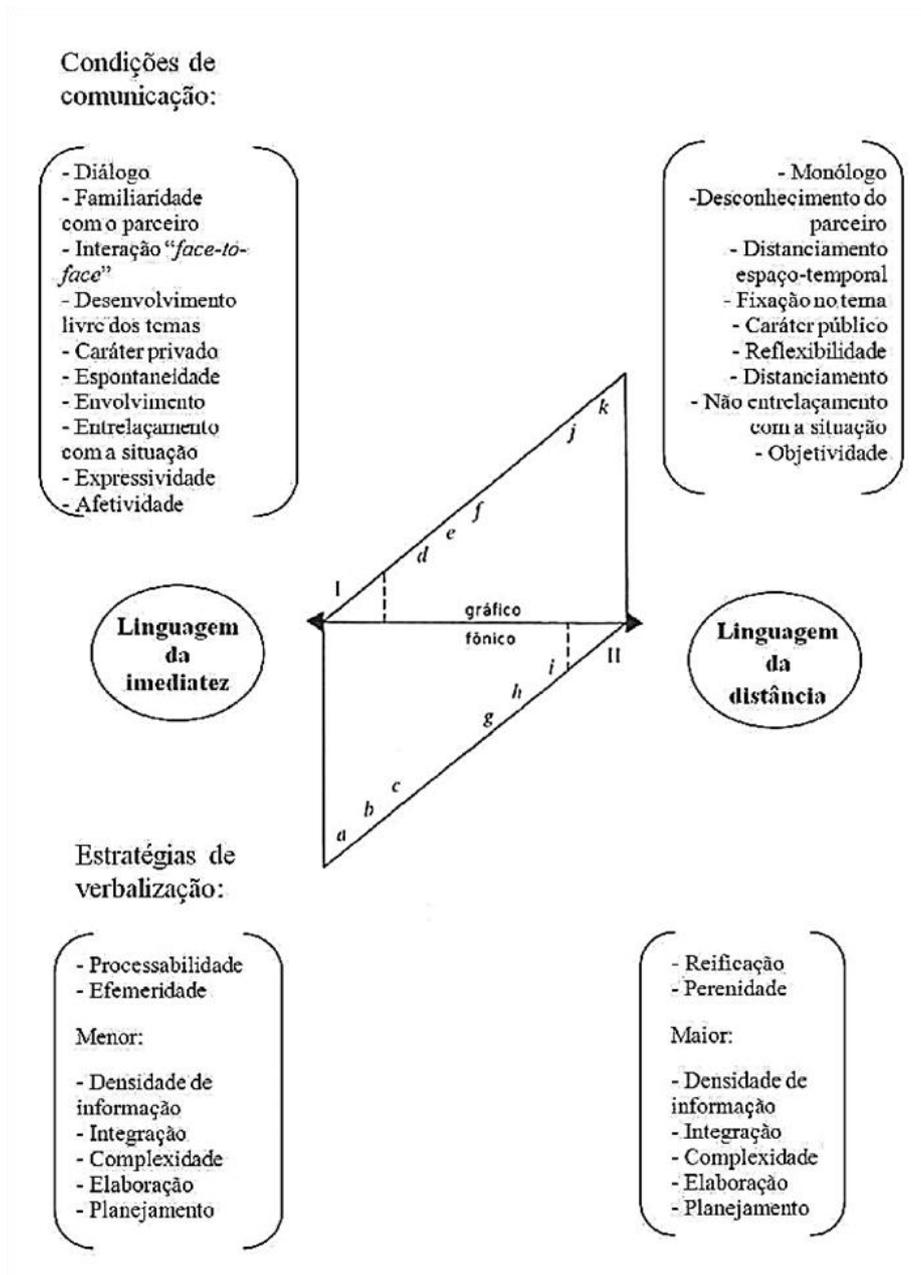
Fala	Escrita
Contextualizada	Descontextualizada
Dependente	Autônoma
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não-planejada	Planejada
Imprecisa	Precisa
Não-normatizada	Normatizada
Fragmentária	Completa

Fonte: Marcuschi (2010a, p. 27).

Em um momento posterior, ainda sobre a relação fala-escrita (ou oralidade e escrituralidade), Koch e Oesterreicher (2013) propõem que as tradições discursivas evidenciam parâmetros comunicativos dentro de um *continuum* de proximidade e de distância comunicativa, em que as relações de proximidade e de distância estão ligadas

a valores paramétricos, a condições comunicativas e a determinados contextos de produção (esquema 5).

Esquema 5: O *continuum* de proximidade e distância comunicativa



Fonte: Koch e Oesterreicher (2013, p. 162).

A TD carta pessoal, por exemplo, encontra-se na polaridade da imediatez/proximidade comunicativa por estar mais próxima do polo falado (fônico), apresentando grau de familiaridade entre os interlocutores, caráter privado,

espontaneidade, afetuosidade e menor grau de elaboração, complexidade e planejamento. Ao contrário, por exemplo, dos textos acadêmicos, que se situam na distância comunicativa por apresentarem mais parâmetros representativos dessa polaridade, como desconhecimento do parceiro/interlocutor, caráter público e maior grau de complexidade, elaboração e planejamento.

Oesterreicher (1994) ainda discute a relação meio e concepção. Para o autor, o meio é correspondente à forma de produção do texto, podendo ser sonoro (oral) ou gráfico (escrito). Por sua vez, a concepção está relacionada ao modo que o texto foi concebido: no polo da imediatez e no polo da distância comunicativa, havendo uma gradação contínua entre as duas polaridades. Dessa forma, ao contrário dos textos acadêmicos, que são concebidos no meio escrito e carregam traços da distância comunicativa (escrituralidade), a carta pessoal está constituída em um domínio misto, ou seja, é um gênero tipicamente escrito (meio escrito), mas que carrega traços de proximidade comunicativa.

Diferentemente da carta pessoal e dos textos acadêmicos, como aponta Marcuschi (2004, p. 41), os gêneros do ambiente digital “transgridem os limites entre as noções tradicionais de comunicação oral e escrita”, haja vista que a “consciência das barreiras entre fala e escrita vão desaparecendo” (MARCUSCHI, 2004, p. 63), pois, “quando a palavra escrita migra do papel para tela sensível ao toque, ela assume uma imediatez não associada anteriormente a ela, fazendo nascer uma quase oralidade.” (COULMAS, 2014, p. 182).

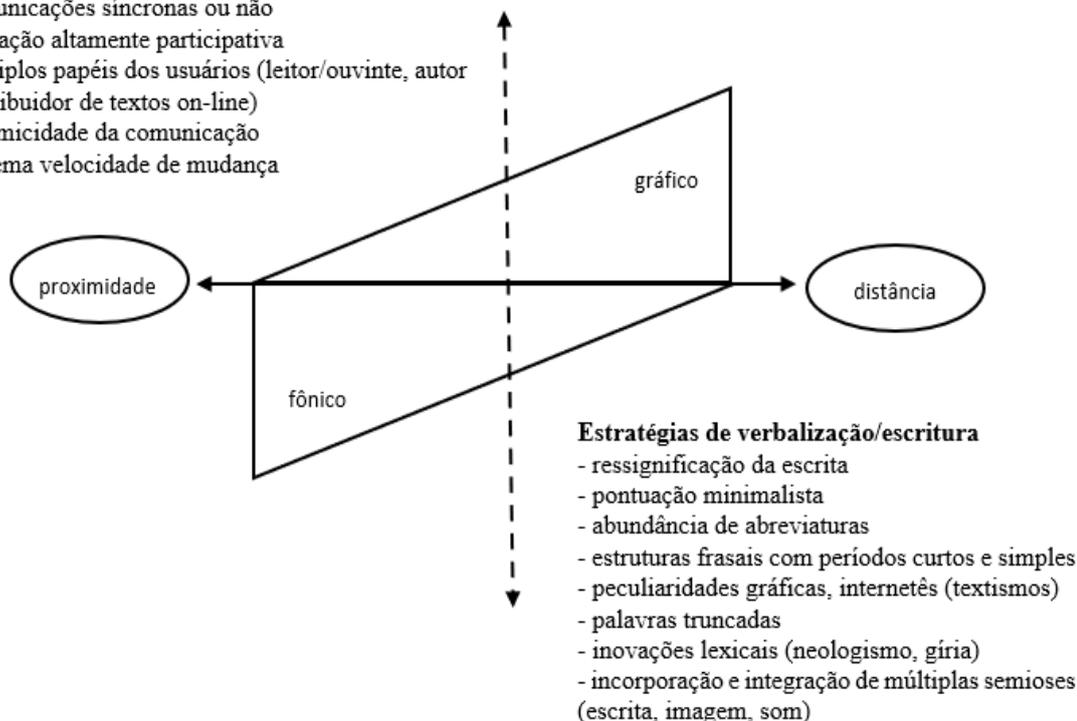
Mais precisamente, a relação fala-escrita passa por uma relação de imbricamento devido à maior dinâmica entre o eixo da fala e da escrita, constituindo-se como uma linguagem híbrida. A conversa privada mediada pelo *WhatsApp* revela, portanto, traços aproximados da modalidade falada, produzindo efeitos da relação cotidiana face a face no texto escrito.

Jungbluth e Gomes (no prelo) apontam traços paramétricos dos gêneros da esfera digital, e as estratégias de verbalização recorrentes. Assim, os gêneros da esfera digital se estabelecem em uma relação híbrida entre os níveis da fala e da escrita, atravessando em linha vertical a relação de *continuum* (esquema 6).

Esquema 6: Inclusão dos parâmetros da esfera digital

Traços paramétricos dos gêneros da esfera digital

- diminuição das fronteiras entre fala e escrita
- relação interpessoal e hiperpessoal (grupo)
- comunicações síncronas ou não
- interação altamente participativa
- múltiplos papéis dos usuários (leitor/ouvinte, autor e distribuidor de textos on-line)
- dinamicidade da comunicação
- extrema velocidade de mudança



Fonte: Adaptado de Jungbluth e Gomes (no prelo).

Desse modo, o ambiente digital torna-se um campo de interação que autoriza, a depender do interlocutor e do contexto comunicativo, a violação da norma-padrão, a não obrigatoriedade do uso da pontuação, a falta de diferenciação entre letras maiúscula e minúscula, a ausência de parágrafos, o uso frequente de abreviaturas, neologismos *etc.*, “sem nenhuma necessidade de explicar se é por conhecimento deficiente ou por opção” (COULMAS, 2014, p. 168). Em suma, a imediatez da comunicação é, na conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, um dos fatores determinantes nessa relação de imbricamento/hibridismo da fala-escrita.

4 A historicidade do texto na sala de aula: uma proposta de ensino por meio da sequência didática

Neste tópico encontra-se uma proposição de sequência didática para o ensino de Língua Portuguesa, voltada para a prática textual e para as condições externas de produção, bem como as influências sociais, históricas e tecnológicas, na passagem da escrita de cartas para as novas possibilidades no âmbito digital, como o caso do gênero conversa privada mediada pelo *WhatsApp*. Com isso, a questão basilar para a realização desta proposição é fazer com que os alunos se reconheçam como sujeitos históricos, por intermédio das reflexões acerca da historicidade dos textos e da língua a partir da transmutação da carta pessoal para a conversa privada mediada pelo *WhatsApp*.

Dando sequência aos estudos que abordam a historicidade do texto (SOARES; GOMES, 2012; ZAVAM; PARAYBA; DOLZ; GOMES, 2021), com a convicção de que “o gênero trabalhado na escola é sempre uma variação do gênero de referência, construída numa dinâmica de ensino-aprendizagem.” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 64), a proposta de didatização pauta-se em duas dimensões ensináveis (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004): a abordagem temática e os elementos constitutivos, visando a identificação de traços de mudança e de permanência da carta pessoal à conversa privada mediada pelo *WhatsApp*. O caráter relativamente estável desses gêneros (BAKHTIN, 1997) evidencia os elementos inovadores, condicionados pelas demandas sociais, tecnológicas e comunicativas.

Conforme ressaltam Dolz e Schneuwly (2004, p. 65), ao trabalhar o gênero no contexto escolar, ele “não é mais instrumento de comunicação somente, mas é, ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem”. Dessa forma, pretende-se provocar uma reflexão em torno das práticas de interação que se atualizam por meio da transmutação dos gêneros (BAKHTIN, 1997). Para tanto, a proposta de sequência está organizada da seguinte forma: apresentação da situação, seguido da produção inicial, quatro módulos e uma produção final (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004).

Quadro 2: Proposição da sequência didática

Tema	Da carta pessoal à conversa privada mediada pelo <i>WhastApp</i>
Números de aulas	6 aulas de 50 minutos cada
Objetivos	
Objetivos Gerais	✓ Promover reflexões em torno da historicidade e tradicionalidade dos gêneros.
Objetivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Reconhecer os traços de mudança e de permanência na relação entre o gênero carta pessoal e da conversa privada mediada pelo <i>WhatsApp</i>, considerando a temática e os elementos estruturais e multissemióticos. ✓ Identificar as estratégias de verbalização dos dois gêneros. ✓ Ressaltar o avanço tecnológico e sua interferência nos modos de interação, explorando a relação entre gêneros emergentes (conversa privada mediada pelo <i>WhatsApp</i>) com gêneros prévios (carta pessoal).

Fonte: Os autores (2022).

Apresentando a Situação: neste primeiro momento, propõe-se uma discussão, na sala de aula, sobre o nascimento de um gênero e como eles se transformam no decorrer do tempo. Outra questão a ser levantada é como os gêneros se “acomodam” no domínio das novas tecnologias. Em seguida, os alunos serão convidados a participarem de um projeto que envolverá, na primeira fase, o uso do *WhatsApp*, e depois, uma interação por cartas. É de extrema importância que o professor antes de lançar a proposta certifique-se de que a escola disponibiliza de uma sala de informática ou de que os alunos possuam acesso ao aplicativo *WhatsApp* e à internet.

Produção Inicial: os alunos formarão duplas e terão 15 minutos para conversarem e descobrirem coisas em comum: o que gostam de fazer nas horas vagas, o que não gostam de fazer, que tipo de filme mais gostam etc. Essa primeira interação oral possibilitará que os alunos se conheçam um pouco mais. Em seguida, terão 20 minutos para continuarem a conversa pelo *WhatsApp*. Nos 15 minutos restantes, o professor questionará os alunos se houve alguma dificuldade de entendimento durante a conversa privada mediada pelo *WhatsApp*; quais elementos foram usados durante a interação; em

que medida a interação privada mediada pelo *WhatsApp* é distinta ou semelhante à conversação face a face e o porquê; e se os dois gêneros lhes são familiares.

A produção inicial servirá para que o aluno tome nota das práticas de interação que lhe são, respectivamente, comuns, como a conversação face a face e a conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, para que, na aula seguinte, o professor inicie o primeiro módulo da sequência didática.

Módulo 1: o professor, neste primeiro módulo, poderá apresentar aos alunos, com recurso do projetor e da lousa, o gênero carta pessoal e os seus subgêneros (carta de amor, carta de amigo e carta de família). Essa apresentação irá contemplar os modos de dizer, os elementos temáticos, estruturais e a funcionalidade da carta pessoal e de seus subgêneros. O professor disponibilizará uma edição moderna de cada subgênero (de amor, de amigo e de família) para que os alunos realizem a leitura dos textos e discutam as suas primeiras impressões sobre cada subgênero.

Módulo 2: neste módulo, com o uso do papel e da caneta (ou lápis), o professor iniciará a produção individual dos alunos sobre a escrita do gênero carta de amigo, ressaltando que a carta será endereçada para a sua dupla, portanto, será necessário saber os dados do colega (nome e endereço) para quem será endereçada a carta. O professor deve recordar aos alunos o módulo passado, sobre os elementos que compõem a carta de amigo.

Módulo 3: neste terceiro módulo, o professor resgatará conteúdos das aulas anteriores para dar início a discussão. Para tanto, o professor precisará fazer uso da lousa e do projetor, a fim de elencar alguns questionamentos acerca das temáticas presentes na conversa privada mediada pelo *WhatsApp* e na carta pessoal, fazendo com que o aluno compreenda que, em ambos os casos, as temáticas se aproximam, justamente pelo caráter sociocomunicativo dos dois gêneros, mas que ambos carregam suas especificidades.

É importante que o professor ressalte os parâmetros comunicativos e a relação fala/escrita nos dois gêneros, além de ressaltar a estrutura e a funcionalidade dos elementos composicionais e o processo de transformação a que os gêneros estão sujeitos, tendo em vista a transmutação da carta, para a conversa privada mediada pelo

WhatsApp, apontando para os traços de mudança, de inovação e de atualização de um gênero, estando sujeito às demandas da sociedade e ao avanço tecnológico.

Módulo 4: com foco na produção das cartas do subgênero amigo e na conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, o professor poderá abordar as estratégias de verbalização dos dois gêneros, a exemplo do uso das formas de tratamento. Essa discussão é de caráter reflexivo para que os alunos observem o valor pragmático das formas de tratamento e como podem variar a depender do contexto de uso (ou não).

Produção Final: para a produção final, o professor irá propor aos alunos a escrita da carta, ficando a cargo do professor o envio das cartas pelos correios, para que os alunos tenham a experiência da troca de cartas com os colegas de sala. Uma prática cada dia mais rara, nos grandes centros urbanos, como Recife, uma vez que a comunicação à distância vai ocorrendo através de gêneros digitais.

Em síntese, o trabalho em sala de aula, por meio do ensino da carta pessoal à conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, contribui com o reconhecimento, a compreensão e a produção desses gêneros, além de proporcionar a reflexão e a análise da língua em uso e em diferentes contextos comunicativos.

5 Considerações finais

Buscou-se, neste trabalho, abordar as marcas de tradição e inovação da conversa privada mediada pelo *WhatsApp* ao lançar uma proposta a partir do Modelo de Tradições Discursivas, aliado ao conceito de transmutação (BAKHTIN, 1997), e estabelecendo a interface com o Interacionismo Sociodiscursivo.

Vale salientar que vários gêneros contribuíram para a construção da conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, a saber: o *e-mail*, o *chat* e até mesmo a conversa face a face. Entretanto, o principal objetivo deste trabalho foi resgatar os aspectos herdados do gênero-mãe carta pessoal, sistematizando parâmetros comunicativos, aspectos composicionais, funcionais e sócio-interacionais da conversa privada mediada pelo *WhatsApp*, possibilitando a realização de novas análises no futuro.

Com isso, neste artigo, foram analisados os traços de permanência e de inovação, além da discussão sobre o *continuum* entre a proximidade e distância comunicativa, mediante aos parâmetros comunicativos e a relação fala-escrita, que passa por um processo de imbricamento na conversa privada mediada pelo *WhatsApp*.

Em relação ao trabalho em sala de aula, este estudo contribui para o reconhecimento, a compreensão e a produção de gêneros, além de permitir a reflexão e a análise do gênero e da língua ao longo do tempo. Dessa forma, foi proposto, por meio de uma sequência didática elementar, o trabalho com o gênero como um acontecimento sócio-histórico e interacionista, compreendendo as estratégias de verbalização, a forma, a função, a historicidade, a tradição e a inovação.

Por fim, esta pesquisa confirma que, como aponta Koch (1997, p. 18), “determinadas tradições caem em um beco sem saída, quando elas não correspondem mais às exigências da perspectiva cultural.”. Ou seja, quando uma tradição se torna ultrapassada e não consegue mais acompanhar as novas demandas sociais, ela se torna obsoleta e cai em desuso e, por vezes, são substituídas ou atualizadas, mas servem de base para a construção de outras tradições discursivas.

Referências

ARAÚJO, Júlio César Rosa de. A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 91-109.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Emsantina G. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEZERRA, Benedito. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões [meta]teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BRONCKART, Jean-Paul. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: EDUC, 2012.

CHARTIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**, [s. l.], v. 8, n. 21, p. 185-199, 1994.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e lingüística geral**: cinco estudos. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1979a.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança linguística. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/Universidade de São Paulo, 1979b.

COULMAS, Florian. **Escrita e sociedade**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros Oraís e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaíes Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004. p. 95-128.

HILGERT, José Gaston. A oralidade nas redes sociais: conceitos e características à luz da enunciação. **Calidoscópico**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 422-430, set.-nov., 2021.

JUNGBLUTH, Konstanze Brigitte; GOMES, Valéria Severina. Discourse Traditions in Synchrony. *In*: Esme Winter-Froemel; Álvaro S. Octavio de Toledo y Huerta. (Org.). **Manual of Discourse Traditions in Romance**. (no prelo).

KABATEK, Johannes. Sobre a historicidade de textos. Tradução de José da Silva Simões. **Revista Linha D'Água**, São Paulo, v. 17, 2005, p. 157-170.

KABATEK, Johannes. Tradições discursivas e mudança linguística. *In*: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilze; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma (orgs.) **Para a história do português brasileiro**. Salvador, EDUFBA, p. 505-527. Tomo II, 2006.

KOCH, Peter. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. *In*: FRANK, Barbara; HAYE, Thomas; TOPHINKE, Doris (Hrsg.). **Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit**. Tradução de Alessandra Castilho Ferreira da Costa. Tübingen: Narr, 1997. p. 1-18.

KOCH, Peter; ÖESTERREICHER, Wulf. Linguagem da imediatez – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. Tradução de Hudinilson Urbano e Raoni Caldas. **Revista Linha D'Água**, São Paulo, v. 1, n. 26, p. 153-174, 2013 [1985].

LONGHIN, Sanderléia Roberta. **Tradições discursivas**: conceito, história e aquisição. São Paulo: Cortez, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs.).

Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 13-67.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, Análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010a.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In:* DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (orgs.). **Gêneros textuais & ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2010b.

OESTERREICHER, Wulf. El español en textos escritos por semicultos Competencia escrita de impronta oral en la historiografía indiana. *In:* LÜDTKE, Jens (Org.). **El español de América en el siglo XVI.** Actas del simposio del Instituto Ibero-Americano de Berlín, 23 y 24 de abril de 1992. Madrid: Iberoamericana, p. 155-190, 1994.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. E-mail: um novo gênero textual. *In:* MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 68-89.

PESSOA, Marlos de Barros. Da carta a outros gêneros textuais. *In:* DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; CALLOU, Dinah (orgs.). **Para a história do português brasileiro.** Rio de Janeiro: UFRJ/FAPERJ. Vol. IV, 2002.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. Normas do falar, da língua e dos textos. *In:* SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. **História do falar e história da linguística.** Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal:** das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. 209 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SOARES, Thiago Nunes; GOMES, Valéria Severina (orgs.). **Identidade e memória em manuscritos e impressos pernambucanos:** língua, história e cultura através dos textos. Recife: Ed. dos Autores, 2012.

ZAVAM, Aurea Suely; PARAHYBA, Fatiha; DOLZ, Joaquim; GOMES, Valéria Severina. Historicidade e ensino: reflexões sobre os gêneros em diferentes línguas – Editorial.

Revista Eutomia, Recife, v. 1, n. 29. Dossiê: Historicidade e ensino: reflexões sobre os gêneros em diferentes línguas, 2021.

ZAVAM, Aurea Suely. Transmutação: criação e inovação nos gêneros do discurso.
Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 12, n. 1, p. 251-271, mai. 2012. ISSN 1982-4017.

Recebido em 30/04/2022.

Aprovado em 17/08/2022.